

Artigos

Análise da personalidade de adolescentes em situação de acolhimento da região metropolitana de São Paulo, que completarão maioria

Analysis of the personality of adolescents in a welcome situation in the metropolitan region of São Paulo, that will complete majority

Débora Machado Mengalli¹; Kássia Senhorini Da Silva²; Armando Rocha Junior³

Artigo orientado pelo Núcleo de Pesquisa em Violência e Psicologia Jurídica da Universidade Guarulhos.

¹Graduada do Curso de Psicologia Univeritas – UnG. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Violência e Psicologia Jurídica – NUPEV.

²Discente de Graduação do Curso de Psicologia Univeritas – UnG. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Violência e Psicologia Jurídica – NUPEV.

³Professor do Departamento de Psicologia da Univeritas – UnG. Doutor em Ciências da Religião/Psicologia e religião – Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.

✉ deborammengalli@gmail.com; kassia.senhorini@gmail.com

Palavras-chave:

Adolescentes.
Personalidade.
Acolhimento.

Keywords:

Adolescents.
Personality.
Welcome.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar aspectos da personalidade de adolescentes em situação de acolhimento, onde apresenta dados empíricos tanto para os profissionais das áreas de psicologia e afins, quanto também beneficiar e melhorar as condições de desligamento institucional destes adolescentes. A análise foi realizada a partir das respostas do questionário e teste projetivo que fazem parte dos instrumentos utilizados para melhor compreensão do fenômeno em tela. Para se obter os resultados desta pesquisa a metodologia utilizada foi, a delimitação da amostra, tendo 21 adolescentes que possuem 16 a 17 anos, sendo 9 que se desenvolveram em abrigos e 12 que se desenvolveram no seio familiar, a pesquisa foi desenvolvida em 4 casas de acolhimento e 1 escola estadual, ambas da região metropolitana de São Paulo. A análise dos resultados apresenta informações quantitativas e qualitativas, como: gênero, cor, idade, orientação sexual, pessoa com deficiência, atraso escolar, medos, conflitos, necessidades, ambiente e sua pressão e como estão se preparando para deixar as instituições.

Abstract

This article aims to analyze aspects of the personality of adolescents in the host situation, where it presents empirical data for professionals in the psychology and related fields, as well as to benefit and improve the conditions of institutional detachment of these adolescents. The analysis was carried out from the answers of the questionnaire and projective test that are part of the instruments used to better understand the phenomena on canvas. In order to obtain the results of this research, the methodology used was the delimitation of the sample, with 21 adolescents aged 16 to 17 years, 9 of which were developed in shelters and 12 that were developed in the family, the research was carried out in 4 houses and one state school, both in the metropolitan area of São Paulo. The analysis of the results presents quantitative and qualitative information, such as: gender, color, age, sexual orientation, person with disability, school delay, fears, conflicts, needs, environment and their pressure and how they are preparing to leave institutions.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Herbert (1987) adolescência é definida por um período transitório do desenvolvimento psicológico, caracterizado pelo termo puberdade onde ocorrem as mudanças físicas, começando na biologia e terminando na cultura. Para Silva (2010) o termo mais adequado a ser utilizado é adolescências, pois a adolescência é uma constituição sócio histórica e a maneira de se manifestar vai depender do contexto que ele se situa.

O presente artigo apresenta um apanhado teórico acerca dos aspectos psicológicos, como: história, personalidade, sentimentos e os mecanismos de enfrentamento de forma individual dos adolescentes que se desenvolveram junto a família e vão deixar a escola e adolescentes em situação de acolhimento, que completaram maioridade e convivem com as angústias de ter que deixar o abrigo, o que ocasiona em mais um vínculo rompido em sua vida.

Segundo Schultz (2010) a personalidade é constituída por aspectos psicológicos de um indivíduo que influencia o seu comportamento em diversas situações.

Os adolescentes passam por diferentes tipos de sentimentos, Hopson 1986 (citado por Herbert 1987. p.76) destaca sete estágios que são previsíveis na adolescência, que são eles: imobilização, minimização, depressão, largar, testar, busca de significado e internalização. Estes estágios fazem parte do processo de desenvolvimento, do adolescente que está deixando a infância e não consegue fazer planos. Isto faz com que tenham sentimento de tristeza, um certo tumulto interior e termina por achar novos significados, interiorizando tudo o que passou durante essa fase do desenvolvimento.

Para Herbert (1987) os mecanismos de enfrentamento existem para amenizar a ansiedade que por sua vez se dá, quando pode existir críticas, podendo ser entendida pelo adolescente como uma ameaça existente.

1.1 Justificativa

Se a lei fosse cumprida sobre regra, possivelmente qualquer adolescente que tivesse acesso a lazer, educação, cultura, alimentação, saúde, convivência familiar, profissionalização, livre de sofrer abusos, exploração e discriminação, estaria mais próximo de uma saúde mental plena e um desenvolvimento saudável.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL. ECA - Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010, s/p)

A escolha do tema do presente artigo foi motivada a partir da discussão da necessidade de se pesquisar se o adolescente em situação de acolhimento está exposto há algum tipo de violência, aspectos psicológicos que nortearam seu desenvolvimento, suas perspectivas futuras a partir das oportunidades que as políticas públicas de acolhimento oferecem aos indivíduos.

A partir disso, buscar a passagem deste adolescente pela instituição, sua história, personalidade e vínculos sociais, além de saber como é executado o desligamento deste indivíduo em relação a política de acolhimento, passaram a ser foco destas pesquisadoras.

O presente artigo torna-se relevante para a psicologia e para a ciência por pesquisar os adolescentes, seus potenciais para convivência e responsabilidades em sociedade e se seus processos de desenvolvimento ocorreram de forma adequada, possibilitando assim sua formação como indivíduo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Tipos de violências a que os adolescentes estão expostos

Um dos maiores avanços da luta em defesa da criança e do adolescente foi a homologação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990), que atende pessoas de 0 a 18 anos de idade, salvo em casos expressos na lei que atende a pessoa até os 21 anos de idade.

Segundo o art. 19 do ECA (1990 s/p) “é direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral”.

Para Koller e Antoni (2002), o individualismo desta sociedade moderna é um dos principais fatores geradores de conflito, pois acomete transformações culturais e econômicas que potencializa a cultura do consumo e as atividades ilícitas, um fenômeno presente entre os adolescentes, principalmente os que são acometidos pela desigualdade social.

Conforme Koller e Antoni (2002) o ambiente doméstico é ponto de partida para uma experiência caótica das relações comunitárias e sociais, pois o padrão destas relações primárias tende a ser repassados e que acontecendo o contrário, este indivíduo tende a voltar ao seu lar mais frustrado, vulnerável e agressivo.

A violência compromete o desenvolvimento emocional. O adolescente pode apresentar determinados comportamentos como consequência, tais como: timidez, agressividade, sexualidade exacerbada, ansiedade, depressão, distúrbio de personalidade, uso de drogas, risco de suicídio, falta de apetite, isolamento, comportamentos hostis, fadiga crônica, medo, insônia, baixa autoestima, somatização de doenças, falta de expectativas no futuro, entre outros. (KOLLER e ANTONI, 2002. p. 89)

Os adolescentes que estão em vulnerabilidade social sofrem o tipo de violência mais intensa do nosso país e inevitavelmente vivem as consequências das desigualdades sociais, da pobreza, da exclusão social, da falta de direitos como educação, lazer, alimentação, cultura, trabalho, a falta de perspectiva de projetos futuros e principalmente a oferta ao consumo de drogas, uso de armas e ao tráfico de drogas.

2.2 Tipos de violências que os adolescentes em situação de acolhimento estão expostos

Uma das primeiras violências sociais que o indivíduo pode sofrer é ter que ser excluído pela família, pelo fato da mesma não ter tido amparo e condições de cuidar de seus membros e o estado não conseguir garantir que a família tenha os direitos básicos orgânicos e psicossociais que poderia evitar vários outros tipos de violência decorrentes desta.

Adolescentes negligenciados, por exemplo, tendem a apresentar sentimento de rejeição e de abandono acentuados e pobreza afetiva, evidenciada por falta de empatia, de relações de amizade e trocas de carinho. (KOLLER e ANTONI, 2002. p. 89)

Outro tipo de violência que este público está acometido é a sua história e escuta negada, pois toda sua vida é decidida por outros, sendo a única decisão possível de ser tomado por ele é a da adoção, pois o mesmo não é obrigado a aceitar a família destinada para sua adoção, e com intuito de evitar sofrimento ao mesmo, negam seu passado, a constituição de identidade de qualquer indivíduo passa por sua

história e a negação da mesma traz prejuízos psicológicos ao indivíduo, assim os autores pontuam que um dos maiores desafios da instituição é trabalhar com o individual em um ambiente que se atua de forma generalizada. Afirmam ainda que essas ações são a, re- violação dos direitos dos adolescentes, que foram para o sistema de acolhimento partindo do princípio que seus direitos foram violados. (FERREIRA et al. 2012)

Conforme Sawaia (2008) não se pode falar da exclusão sem associá-la a inclusão. O que nos faz refletir acerca da política de acolhimento para adolescentes que se tornaram maiores de idade, uma política inclusiva ou excludente?

Por fim, a violência que o adolescente abrigado tem que aprender a lidar desde o instante que entra no sistema, são os rótulos que a sociedade os coloca, esse é um grande desafio após seu desligamento. Sawaia (2008) expõe que os estereótipos são formas de excluir moralmente membros de um grupo, através da desumanização apresentada pela violência.

2.3 A subjetividade do desenvolvimento do adolescente

Os adolescentes não constituem um grupo homogêneo; a realidade é que eles crescem em diferentes culturas, o que torna necessário considerarmos formas variadas de alcançá-los. Jovens que lidam com diferentes situações têm diferentes necessidades. (BARROS, 2002. p.46)

Para Ozella e Liebesny (2002) a constituição de individualização do adolescente vai depender da sua relação com várias pessoas, pois a partir disso ele passa a se constituir como individual e como pertencente ao grupo, vai construindo sua própria maneira de ver o mundo.

Segundo Berger (2013) umas das principais etapas no processo de identidade é estabelecer a integridade da personalidade, emoção, comportamento e pensamento para que mantenham uma possível consistência.

Para Aberastury (1981) podemos observar que toda adolescência tem características do meio cultural social e histórico, o qual se manifesta a subjetividade de cada adolescente e sinaliza que o adolescente passa por desequilíbrios emocionais e instabilidade intrínseca.

Para Figueiró (2012) o adolescente se caracteriza por sua condição de pertencer a natureza, sua condição de ser social é definida por conjunto dessas relações sociais no qual foi inserido e sua concepção de adolescência deve ser entendida como uma construção histórica e não apenas como uma fase natural do desenvolvimento. A autora ainda afirma que um processo importante na fase da subjetividade é o processo de modificações corporais incontroláveis, ambos sexos passam por mudanças sexuais secundárias. Os adolescentes têm habilidades variadas e a tomada de decisões, fatores cognitivos também são características importante que auxiliam a fazer julgamentos criteriosos, raciocínio hipotético e dedutivo. Assim outros processos inerentes a adolescência, é a cognição, a empatia, a culpa, o sofrimento e a internalização de normas sociais.

O meio de comunicação é, portanto, fator determinante no papel da veiculação na formação da identidade que se desenvolve nesta passagem transitória para o início da fase adulta.

Quando estes adolescentes estão para obter sua maioridade e não possuem uma perspectiva para onde ir ou o que irá acontecer ao sair do abrigo, começam a perceber que crescer é um processo iminente. Para Winnicott (1975), “Na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo”.

Conforme Aberastury (1981) chegar no mundo adulto, significa para o adolescente um momento de transição no processo de desprendimento que se iniciou com seu nascimento.

Moldar uma identidade e aceita-la são tarefas difíceis, geralmente realizadas com ansiedade. Os adolescentes fazem experiências com vários papéis e ideologias na tentativa de determinar os mais compatíveis com eles. (SCHULTZ, 2010 p. 183)

“É na adolescência, sabemos, o momento de romper, decididamente, com o ideal narcísico dos pais, constituindo, para além de suas determinações, a possibilidade de um ideal de Eu”. (MARIM, 2002. p. 05)

2.3.1 Personalidade e as vicissitudes do adolescente em situação de acolhimento

A personalidade de um indivíduo pode ser definida pelas características complexas que determina sua formação biopsicossocial. No contexto social que o adolescente em situação de acolhimento se encontra, buscar elementos no ambiente, nas relações, na cultura, no inconsciente, nas pulsões e nos desafios da transição da vida infantil para a adulta será fundamental para compreender se há prejuízo na constituição da personalidade dos mesmos e se é influenciada pelas condições de perda.

Para Bowlby (2001) é importante considerar distúrbios psiconeuróticos e da personalidade nos indivíduos que tiveram falha no desenvolvimento ou transtorno na infância, sendo reflexo da incapacidade de estabelecer vínculos. Aponta que é frequente distúrbio como sociopatia em indivíduos que tiveram suas infâncias perturbadas através de morte, divórcios ou separações.

É comprovadamente útil o postulado de que, em cada tipo de caso o comportamento perturbado do adulto representa uma persistência, ao longo dos anos, dos padrões desviantes dos padrões do comportamento de ligação que se estabelecem em consequência do rompimento dos vínculos afetivos durante sua infância. (BOWLBY, p. 109, 2001)

Segundo Bowlby (2001) um indivíduo que tem uma figura de ligação, ou seja, uma ou mais pessoas que irão ao seu encontro quando tiver alguma dificuldade, são mais felizes e tem maior capacidade de se desenvolver. Afirma ainda que num quadro de personalidade existem dois principais conjuntos de influenciadores, o primeiro que diz respeito a presença-ausência, parcial ou total, da figura de ligação que estará apta para fornecer o tipo de base necessária, o segundo é sobre a capacidade-incapacidade de reconhecer uma pessoa como digna de confiança e disposta a estabelecer esta base.

Ter confiança para estes adolescentes se torna logo um processo mais demorado e difícil, no decorrer de cada história existe um abandono ou um afastamento do lar, ao passarem a não se tornar o centro das atenções de um lar, passam a invisibilidade, a inibição do Eu, que a partir disso, se tornam “párias” do ponto de vista social.

Para Erikson (citado por Schultz et al. 2010. p.180) o adolescente passa por crise, onde torna possível um desenvolvimento em cada fase para a formação de sua personalidade, a crise sendo “o momento decisivo enfrentado em cada fase do desenvolvimento”. A confiança sendo a melhor maneira de lidar com cada crise. A “confiança, a forma mais bem adaptada e desejável de lidar com o problema, é obviamente uma atitude psicológica mais saudável”.

3 MÉTODO

3.1 Amostra e sua caracterização

Para fins de realização de estudo de campo, foi definido como amostra 20 adolescentes em situação de acolhimento, divididos igualmente entre ambos os sexos e que possuem 16 a 17 anos completos, que

estudem, independentemente da escolaridade, profissionalização, situação jurídica, entre outras características. Além desses 20 adolescentes que residam com familiares e estudem em escola pública, independentemente do nível escolar e demais características citadas para os adolescentes em situação de acolhimento. Os adolescentes que residem em convívio familiar também foram divididos igualmente entre os sexos masculino e feminino. Daqui para frente os menores em acolhimento foram chamados de grupo A e os de não acolhimento de grupo E.

3.2 Procedimentos gerais

Foram contatadas as instituições: Associação Beneficente de Renovação e Assistência à Criança - ABRAC, Carrapicho 3, Casa da Criança Zenaide de Souza Lima, Lar Batista e a Escola Estadual Padre Augustus Johannes Fernandes Stauder, para as quais apresentaremos o esboço da presente pesquisa verbalmente. A seguir, solicitamos autorização para que esta seja realizada nas mesmas. Sendo explicado detalhadamente o TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido), onde ficou claro que os pais dos menores do grupo E deveriam assinar o referido termo autorizando a participação de seus filhos na pesquisa e o responsável pela instituição onde os menores do grupo A estão deveriam assinar autorizando também como responsável pelos menores. Os menores dos grupos A e E também assinaram um termo, assentindo em participar. Para melhor clareza o termo TCLE encontra-se no anexo A e o Termo de Assentimento no anexo B.

Foi solicitado tanto da instituição, quanto da escola, uma sala para as atividades com os participantes da pesquisa. Esta sala era arejada, tinha pelo menos 6m², protegida de sons excessivos e não permitiu que conversas em tom normal fossem ouvidas no seu exterior. Possuía iluminação adequada para leitura e escrita.

A seleção e inclusão dos participantes da amostra do grupo A, foi através de uma lista de inscrição, que foi preenchida a partir do contato e assentimento dos adolescentes acolhidos, tendo em vista que cada instituição possuía poucos acolhidos na faixa etária proposta neste artigo, com isso não houve necessidade de sorteio para exclusão. A seleção e inclusão dos participantes da amostra, do grupo E, caso ultrapassasse o número necessário para a pesquisa, seria feita a exclusão por sorteio.

3.3 Plano de análise de dados

Para melhor compreensão, a análise dos resultados utilizou todas as informações colhidas através do questionário e da interpretação do teste. Os resultados estão expostos por meio de tabelas, que apontam dados, informações, tanto quantitativas, quanto qualitativas, que foram utilizadas como comparativo dos grupos A e E.

Ao participar do artigo, o adolescente poderia estar entrando em contato com questões conscientes e inconscientes que poderia trazer angústias e possíveis transtornos. O participante foi orientado, caso sentisse qualquer desconforto, que deveria avisar as pesquisadoras. Tendo em vista, que o pesquisador responsável é psicólogo o mesmo é capaz de prestar assistência caso ocorresse alguma das interferências citadas acima.

A participação do adolescente neste artigo contribuiu para estudos referentes ao tema, direcionando as ações voltadas para um entendimento mais profundo dos aspectos da personalidade de adolescentes. A tabulação dos dados foi feita de forma manual e eletrônica, utilizando-se o programa Excel. Para apresentação dos resultados recorreremos a gráficos, tabelas e quadros.

Por fim, foram feitas análises e discussões dos resultados apresentados. De posse de todo esse material, conclusões são indicadas.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos e discutimos os resultados da análise agregados aos dados obtidos por meio da pesquisa de campo.

4.1 Amostra

A amostra pré-estipulada não foi atingida, pois o público alvo (grupo A) desta pesquisa se encontra no sistema de acolhimento, sua estadia nos abrigos contatados e previamente autorizados para o desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. Devido a duração da pesquisa ter 1 ano desde o início até as visitas para aplicação dos testes e questionários, ocorreram o desacolhimento ou evasão de 05 adolescentes, outros 3 adolescentes completaram 18 anos e deixaram de pertencer ao critério da pesquisa e 3 adolescentes desistiram durante o processo de participar. Com isso nossa amostra válida é de 9 adolescente de 16 a 17 anos no grupo A, assim como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1: Amostra (Grupo A)

Instituição	Participantes	Desacolhidos/Evasão	Desistentes	Completaram 18 Anos	Total
Abrac	4	2	1	2	9
Lar batista	3		1		4
Casa da criança	2	1		1	4
Carrapicho	0	1	1	1	3
Total	9	4	3	4	20

Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Já a amostra do público alvo não acolhido (grupo E), também não foi atingida, pois a escola, previamente contatada desistiu de participar da pesquisa devido a troca de direção, sendo necessário a busca por outra escola. Foi feito novo contato e autorizado o desenvolvimento da pesquisa na escola E.E Edir do Couto Rosa, localizada na cidade de Ferraz de Vasconcelos, região metropolitana de São Paulo, sendo seguidos todos os critérios previamente estabelecidos no método. Conseguimos uma listagem com 25 adolescentes interessados em participar da pesquisa, foi entregue os termos de compromisso e agendado dia e horário para aplicação do teste e questionário. Houve retorno de 12 adolescentes de 16 a 17 anos do grupo E, estabelecendo assim, uma amostra válida, como mostra a tabela a seguir:

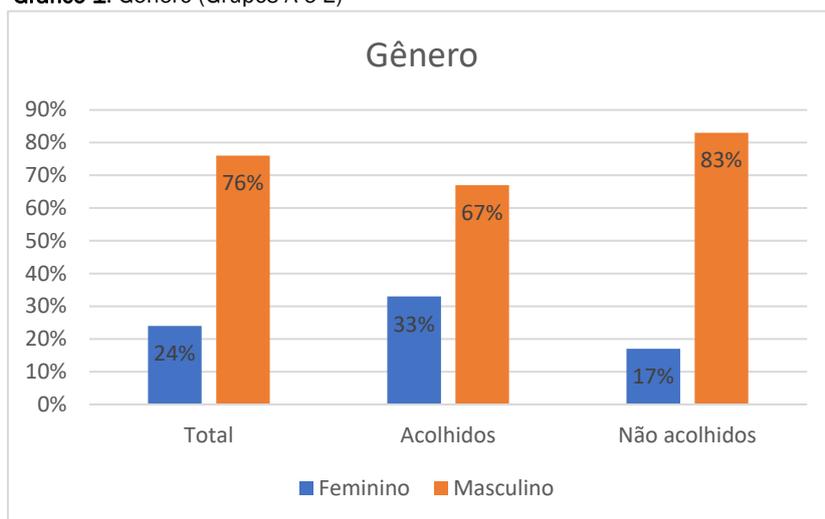
Tabela 2: Amostra (Grupo E)

Participantes	Desistentes	Total
12	13	25

Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

O gráfico a seguir apresenta a amostragem geral do artigo (grupo A e E)

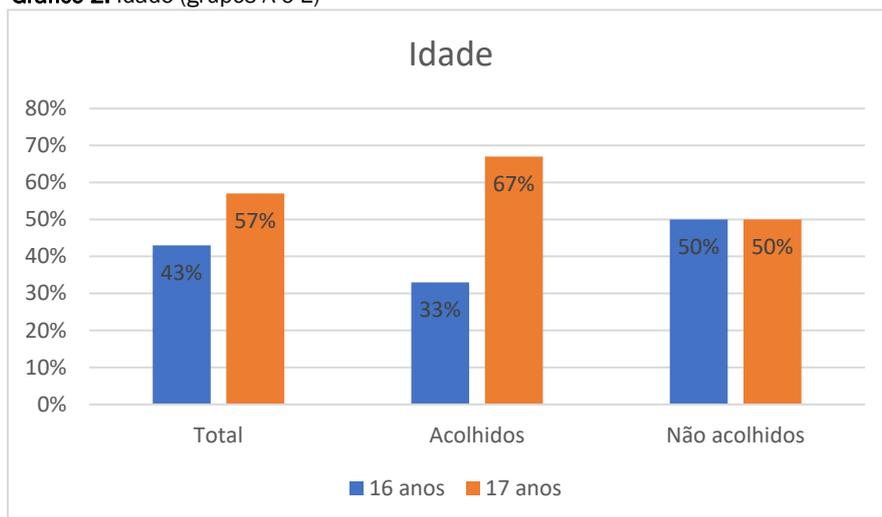
Gráfico 1: Gênero (Grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Foram entrevistados 16 meninos e 5 meninas, sendo 3 meninas e 6 meninos no grupo A (acolhidos) e 10 meninos e 2 meninas no grupo E (não acolhidos).

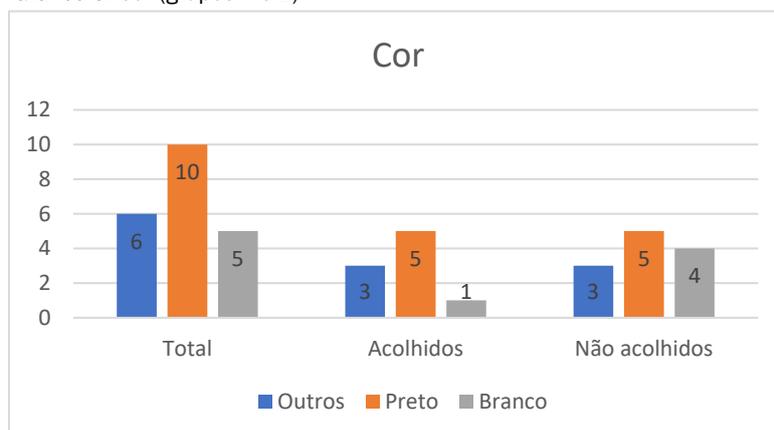
Gráfico 2: Idade (grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Foram entrevistados, 9 adolescentes com 16 anos e 12 adolescentes com 17 anos, sendo, 3 com 16 anos e 6 com 17 anos no grupo A, já no grupo E são 6 adolescentes com 16 anos e 6 com 17 anos.

Gráfico 3: Cor (grupos A e E)

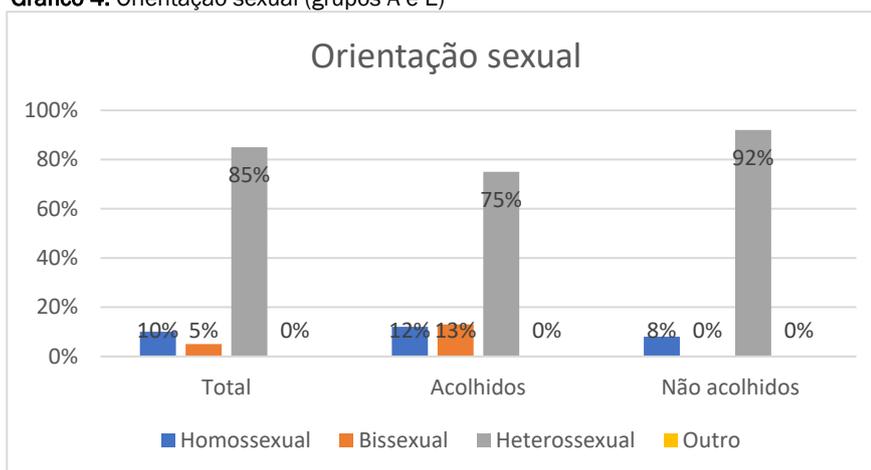


Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Nos grupos A e E os adolescentes se autodenominaram pretos (10), brancos (5) e pardos (6). Nos gráficos a seguir, constatou-se que no grupo A (acolhidos) a concentração de pretos é maior que a de brancos e pardos juntos. Já no grupo E (não acolhidos), embora a maioria tenha se declarado preto, a soma de pardos e brancos superam a de pretos. Ou seja, no sistema de acolhimento, identificamos mais pretos do que brancos e pardos. Compreendemos assim que as pessoas da raça negra estão mais suscetíveis a ser incluso na política de acolhimento, provavelmente devido a condição de vulnerabilidade social.

Dando sequência aos dados colhidos, 17 adolescentes se declararam heterossexuais, 2 homossexuais e 1 bissexual, como mostra os gráficos a seguir:

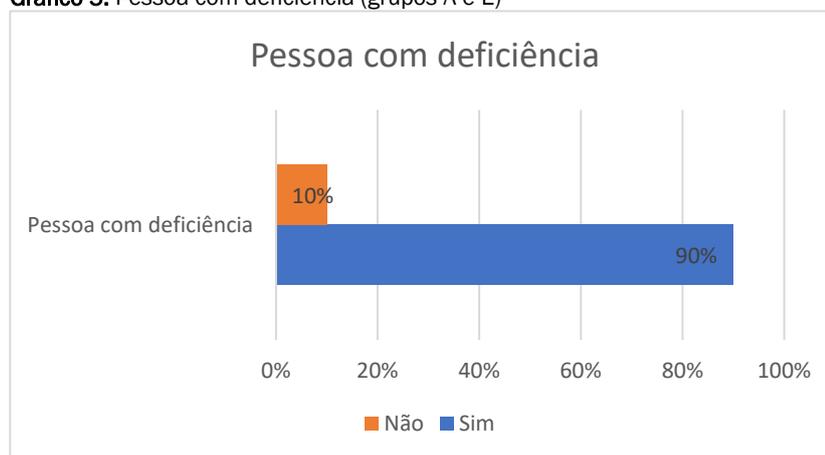
Gráfico 4: Orientação sexual (grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Continuando, 2 adolescentes com deficiência intelectual pertencentes ao grupo A (acolhidos), não há pessoas com deficiência no grupo E (não acolhidos).

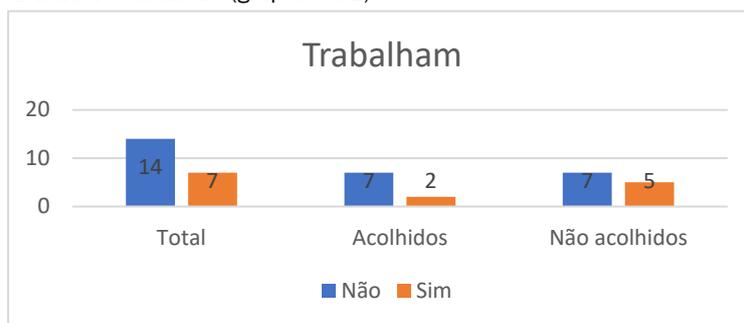
Gráfico 5: Pessoa com deficiência (grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Dos 21 adolescentes entrevistados, 14 não trabalham e 7 trabalham, entre as atividades desenvolvidas estão: jovem aprendiz, garçom, freelancer, auxiliar administrativo e técnico eletrônico.

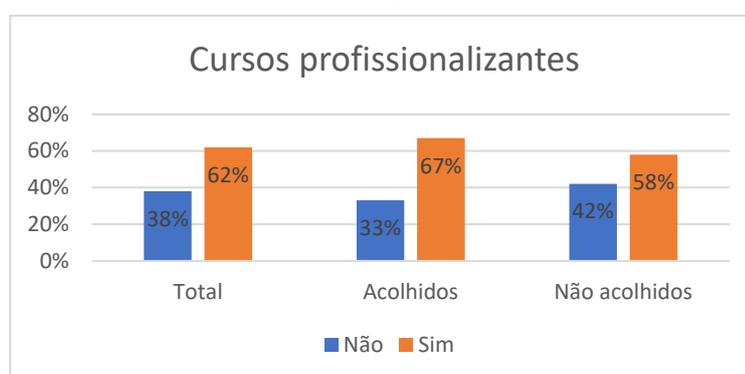
Gráfico 6: Trabalham (grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Continuando, 13 adolescentes fazem ou já fizeram cursos profissionalizantes, 8 nunca fizeram cursos profissionalizantes. Como veremos nos gráficos a seguir, grande parte dos adolescentes que fazem curso profissionalizantes são do grupo A. Podemos constatar que os abrigos tem uma política de parcerias para capacitar esses adolescentes que completam 16 anos, uma rede de apoio é acionada em busca de inserir este adolescente no mercado de trabalho.

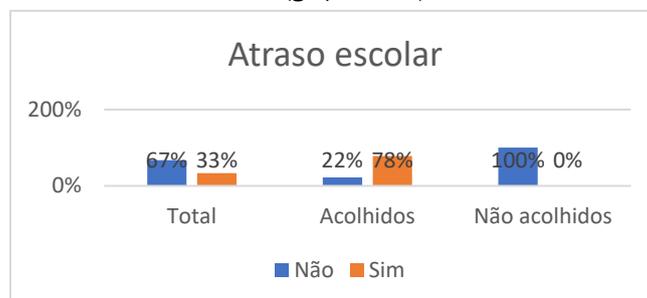
Gráfico 7: Cursos Profissionalizantes (grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Como podemos observar nos gráficos a seguir, há uma defasagem escolar significativa no grupo A, onde 07 dos 09 adolescentes entrevistados que se desenvolveram em abrigos já repetiram de ano ou pararam de estudar em algum momento. Já os adolescentes que se desenvolveram no seio familiar, não possuem nenhuma defasagem referente a atraso de série.

GRÁFICO 8: Atraso escolar (grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Os gráficos abaixo demonstram que 10 adolescentes declararam estar preparados para deixar a instituição, entre os motivos estão: a prévia capacitação, não querer mais ficar na instituição, tem expectativas futuras que não se relacionam com a instituição. Já 09 adolescentes declararam não estar preparados para sair da instituição, entre os motivos estão: insegurança com o futuro, falta de capacitação, não ter

amparo, não ter para onde ir e não estar empregado. Por fim 2 não souberam responder. Observou-se que nas respostas, houve ambivalência de sentimentos em relação a estar preparado ou não sair da instituição.

Gráfico 9: Preparado para deixar a instituição (grupos A e E)

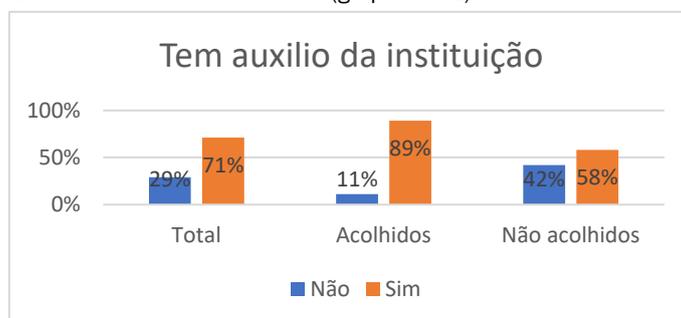


Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Dos 21 adolescentes participantes da pesquisa, 15 alegaram que a instituição tem auxiliado nesse processo de desligamento. No grupo A os argumentos são de que as instituições buscam parcerias, conseguem cursos, entrevistas e fazem um processo interno de capacitação das tarefas do dia-a-dia. Já no grupo E, os que alegam ter auxílio da instituição se baseiam em aspectos educacionais, pois a escola os prepara para o mercado de trabalho.

Os 6 adolescentes que alegam que as instituições não os auxiliam, declararam que poderia ter mais parcerias, moradias, cursos e bolsas de estudos.

Gráfico 10: Auxílio institucional (grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

12 adolescentes alegaram que já fizeram ou fazem uso de drogas, como mostram os gráficos a seguir. 7 são do grupo E (não acolhidos) e 5 do grupo A (acolhidos). Já 9 adolescentes alegaram nunca terem experimentado drogas.

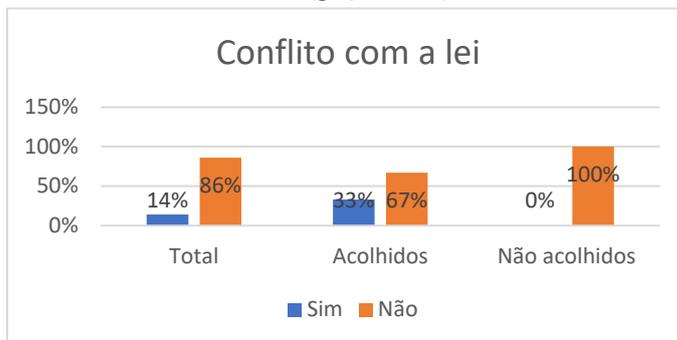
Gráfico 11: Uso de drogas (grupos A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

Dos 21 adolescentes entrevistados apenas 03 (três) já tiveram conflitos com a lei, sendo pertencentes ao grupo A (acolhidos). Entre os delitos estão: Fuga do abrigo, tráfico, furto e tentativa de agressão. As consequências foram, desde advertência verbal à detenção na fundação casa por 45 dias, no caso de tráfico.

Gráfico 12: Conflito com a lei (grupos A e E)



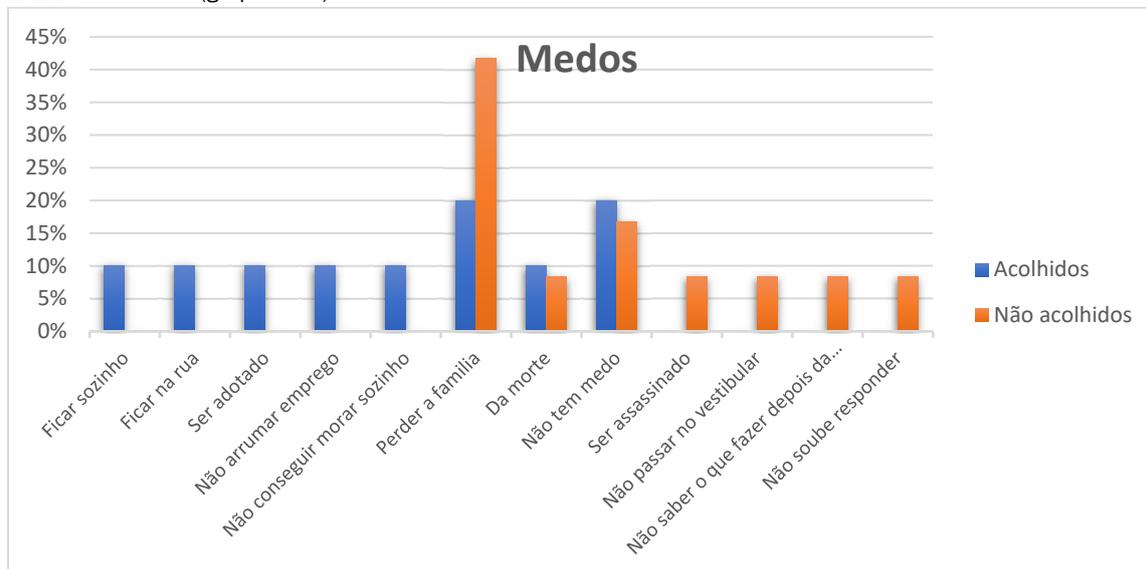
Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

4.2 Medos

Segundo Batista e Oliveira (2005) a adolescência é uma fase que torna o indivíduo mais vulnerável de ser acometido por ansiedade e medos em decorrência de constantes desafios. O adolescente vive com conflitos em relação a situações imaginárias ou reais, que sem monitoramento ou acompanhamento pode tornar-se grave.

Na tabela a seguir, podemos observar os medos que apareceram durante as entrevistas.

Gráfico 13: Medos (grupo A e E)

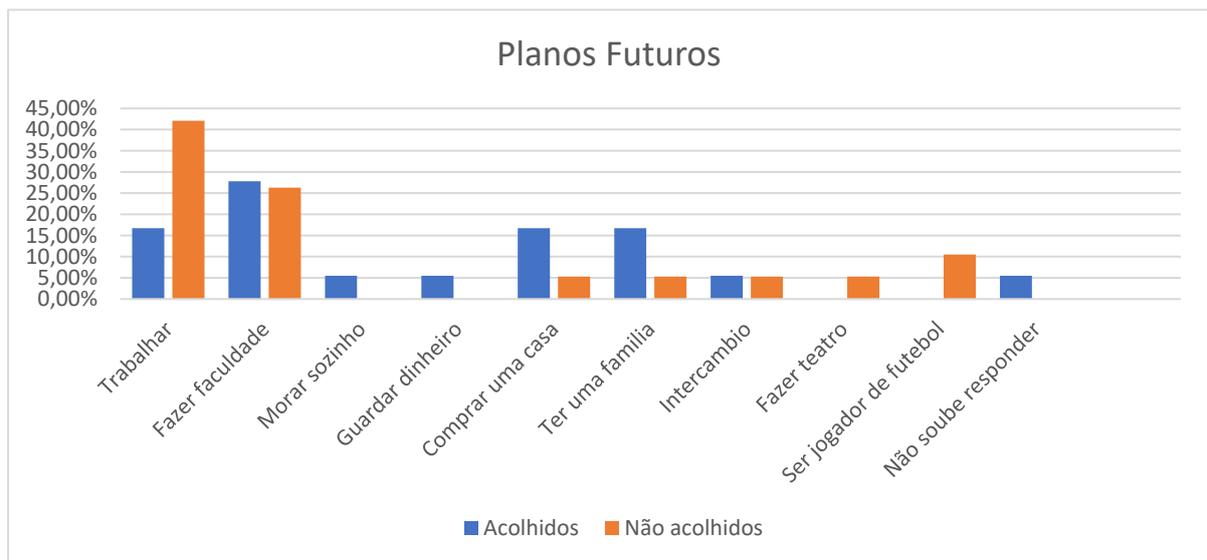


Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

4.3 Planos futuros

Para Winnicott (1975), “Na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo”. Se crescer é um processo iminente, a maioria é um ciclo transitório da vida infantil para vida adulta. Ter planos futuros e perspectivas futuras, pode trazer mais segurança e autoconfiança, assim como a sua ausência pode desenvolver mais transtornos psicológicos como a ansiedade entre outros. Veremos nas tabelas a seguir alguns planos futuros mencionados pelos adolescentes.

Gráfico 14: Planos futuros (grupo A e E)



Fonte: MENGALLI E SILVA (2019).

4.4 Análise da personalidade dos adolescentes: Intepretação do teste (TAT)

Para se obter os comparativos dos dois grupos, foi realizado a aplicação de um questionário e um teste psicológico – Teste de Apercepção Temática (TAT), para isso, por ser tratar de uma população menor de idade (16 e 17 anos), os responsáveis legais assinaram um termo autorizando a participação do menor na pesquisa, assim como o próprio adolescente assinou um termo de assentimento, ou seja, dando o seu consentimento. A aplicação do questionário e do teste nos dois grupos seguiram a mesma metodologia, para garantir a confiabilidade nos resultados apresentados.

Na análise do TAT foi possível observar as principais necessidades dos dois grupos, assim como o ambiente e sua pressão, os conflitos e de que maneira esses adolescentes conseguiam solucionar os conflitos existentes. As necessidades consistem em motivações ou forças que a pessoa tem e que impulsionam as suas ações. As necessidades motivam os pensamentos, os sentimentos e as ações do indivíduo.

Na tabela a seguir será possível observar as principais necessidades que surgiram conforme as aplicações do TAT. No grupo A, dos 9 adolescentes que participaram da pesquisa, a interpretação do TAT foi possível com 8 adolescentes, devido um ser uma pessoa com deficiência intelectual e não conseguir desenvolver um conteúdo que possibilitasse a análise. No grupo E, dos 12 adolescentes entrevistados, 2 optaram por não participar do teste, ficando para a análise 10 adolescentes. As principais necessidades que surgiram no grupo E, são: degradação e passividade, aonde de 10 adolescentes pesquisados, 6 apresentaram em ambas as mesmas necessidades.

Tabela 3: Necessidades (Grupo A)

Necessidades	Quantidade	Porcentagem
Afiliação Associativa	4	50%
Contra-reação	4	50%
Degradação	7	87,5%
Passividade	5	62,5%
Realização	4	50%
Reconhecimento	4	50%

Fonte: Teste TAT

Tabela 4: Necessidades (Grupo E)

Necessidades	Quantidade	Porcentagem
Afiliação Emocional	5	50%
Agressão	5	50%
Contra-Reação	4	40%
Degradação	6	60%
Passividade	6	60%
Realização	4	40%
Reconhecimento	4	40%

Fonte: Teste TAT

Continuando, as forças do ambiente e a pressão descritas nas histórias, representam uma maneira na qual o indivíduo poderá resolver seus conflitos, comportamentos e necessidades. Dependendo do contexto, o ambiente pode interferir para gerar mais conflitos, ou permanecer inerte.

Tabela 5: Forças do Ambiente (Grupo A)

Ambiente	Quantidade	Porcentagem
Favorável	3	37,5%
Desfavorável	8	100%
Neutro	6	75%

Fonte: Teste TAT

Tabela 6: Forças do Ambiente (Grupo E)

Ambiente	Quantidade	Porcentagem
Neutro	8	80%
Desfavorável	10	100%
Favorável	2	20%

Fonte: Teste TAT

Foi possível observar que tanto no Grupo A como no grupo E, na força do ambiente, todos os adolescentes relataram um ambiente desfavorável. Enquanto, destes, no grupo A foi possível a observação de que 3 entre 8 adolescentes conseguiram relatar situações favoráveis, no grupo E 2 de 10 adolescentes relataram situações em ambientes favoráveis simultaneamente.

Tabela 7: Pressão do Ambiente (Grupo A)

Pressão do Ambiente	Quantidade	Porcentagem
Falta de apoio – Discordância familiar	2	25%
Perigo Físico – Desproteção física	3	37,5%
Falta de Recursos	2	25%
Falta de Companhia	4	50%
Afiliação Associativa	3	37,5%
Afiliação Emocional	2	25%
Agressão (emocional, física e social)	2	25%

Fonte: Teste TAT

Tabela 8: Pressão do Ambiente (Grupo E)

Pressão do Ambiente	Quantidade	Porcentagem
Falta de apoio – discordância familiar	5	50%
Perigo Físico – Desproteção Física	5	50%
Falta de Companhia	4	40%
Afiliação Emocional	4	40%
Agressão - Social	4	40%
Apoio	4	40%

Fonte: Teste Tat

Os conflitos surgem quando o indivíduo tem duas situações incompatíveis, existe a necessidade de escolha e pode se caracterizar por uma incerteza.

A solução de conflitos, é uma forma de desfecho da história, aonde a pessoa demonstra capacidade de solucionar-los, ou media situações que resultam na solução destes. Há pessoas que quando não se encontram em condições, mesmo que momentaneamente, não conseguem solucionar os conflitos existentes. Assim, é possível entender que os recursos egoicos podem ser desenvolvidos para solução de conflitos, com isso, entender como cada adolescente soluciona ou não os seus conflitos por meio de tais recursos.

Tabela 9: Conflitos (Grupo A)

Conflitos	Quantidade	Porcentagem
Medo	4	50%
Tristeza X Alegria	3	37,5%
Angustia	7	87,5%
Passividade X Atividade	6	75%
Realidade X Prazer	5	62,5

Fonte: Teste TAT

Tabela 10: Conflitos (Grupo E)

Conflitos	Quantidade	Porcentagem
Angústia	9	90%
Passividade x Atividade	8	80%
Realidade x Prazer	10	100%
Medo	4	40%
Dependência x Independência	4	40%

Fonte: Teste TAT

Tabela 11: Solução de Conflitos (Grupo A)

Solução de Conflitos	Quantidade	Porcentagem
Depende do Próprio Herói	5	62,5%
Depende de Ajuda Externa	5	62,5%
Não há Solução de Conflitos	7	87,5%

Fonte: Teste TAT

Tabela 12: Solução de Conflitos (Grupo E)

Solução de Conflitos	Quantidade	Porcentagem
Depende do Próprio Herói	6	60%
Depende de Ajuda Externa	4	40%
Não há Solução de Conflitos	7	70%

Fonte: Teste TAT

5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente artigo possibilitou a compreensão acerca das diferenças existentes entre a personalidade de adolescentes que se desenvolveram em abrigos, em relação aos que se desenvolveram no seio familiar. Também, como sua saída da instituição/escola, medos, planos futuros e a ansiedade causada por causa do desligamento.

Diante das pesquisas desenvolvidas, os resultados foram evidentemente alcançados, obteve-se a compreensão dos objetivos e hipóteses propostos. Pudemos constatar que os adolescentes em situação de acolhimento têm um amparo institucional mais presente comparativamente com os adolescentes que se desenvolveram no seio familiar, haja visto que a maioria faz cursos profissionalizantes, são inclusos em projetos de primeiro emprego, o que gera um ambiente mais favorável para o desenvolvimento.

Em contrapartida, foi possível observar que os adolescentes que se desenvolveram no seio familiar não possuem a mesma angústia de deixar a instituição, pois tem o amparo familiar, mas a ansiedade equivalente aos adolescentes dos abrigos se apresentam em forma de medo de perder a família, logo é a fantasia de perder o amparo que eles possuem, comparativamente com os adolescente em situação de acolhimento, que já vive este medo, mas em forma de realidade, pois sabem que ao completarem a maioridade deixarão de ter o amparo que possuem.

Sobre o relacionamento das pesquisadoras com os participantes da pesquisa, apesar de ser dois grupos de adolescente com características diferentes, ambos foram de respeito, cuidado e empatia.

Dada a importância do tema, torna-se necessário o desenvolvimento de artigos científicos que visem dar continuidade a pesquisa, a fim de garantir que a ciência contribua de forma efetiva, para que os adolescentes que se desenvolvem nos abrigos ao saírem da instituição se sintam mais seguros e amparados, assim como o Estado ter maior embasamento para fomentar políticas públicas pós acolhimento.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência normal**. Porto Alegre. Editora: Artes Médicas. 1981.

BARROS, S. M. N. **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Coordenação Maria de Lourdes Jeffery Contini; organização Sílvia Helena Koller. - Rio de Janeiro. Conselho Federal de Psicologia. 2002. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/adolescencia1.pdf>. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

BATISTA, M. A; OLIVEIRA, S. M. S. S. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. PSIC - **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 6, nº 2, p. 43-50, Jul./Dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsa-lud.org/pdf/psic/v6n2/v6n2a06.pdf>. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

BERGER, S. K. **O desenvolvimento da pessoa; do nascimento á terceira idade**. Editora: LTC. Rio de Janeiro. 2013.
BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Tradução: Álvaro Cabral (2001). 3ª ed. Editora: Martins Fontes. São Paulo. 1997.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

BRASIL. Constituição da república federativa do Brasil de 1988. **Emenda Constitucional nº 65 de 2010**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

ERIKSON, H. E. **Identity: Youth and crisis** In. SCHULTZ, D.P. et al. (2010). **Teorias da Personalidade**. Tradução da 9ª edição norte-americana. 1ª Edição Cengage do Brasil. 1968.

FIGUEIRÓ, S.S.E.M. **Acolhimento institucional: A maioridade e o desligamento**. Paco editorial. Jundiaí – SP. 2012.

FORMIGA, S. N; MELLO, I. **Testes psicológicos e técnicas projetivas**: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. vl. 20. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893200000200004. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

HEBERT, M. **Convivendo com Adolescente**. VI. 1. Editora: Bertrand Brasil. 1987.

KOLLER, S. H; ANTONI, C. **Adolescência e psicologia**: concepções, práticas e reflexões críticas. Coordenação Maria de Lourdes Jeffery Contini; organização Sílvia Helena Koller. - Rio de Janeiro. Conselho Federal de Psicologia. 2002. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/adolescencia1.pdf>. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

MARIN, I. K. S. **Violência e transgressão interrogando a adolescência**. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v6n3/1415-4714-rlpf-6-3-0094.pdf>. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

OZELLA, S; LIEBESNY, B. **Adolescência e psicologia**: concepções, práticas e reflexões críticas. Coordenação Maria de Lourdes Jeffery Contini; organização Sílvia Helena Koller. - Rio de Janeiro. Conselho Federal de Psicologia. 2002. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/adolescencia1.pdf>. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

ROSSETI-FERREIRA, C. M., et al. **Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Situações de Abandono, Violência e Rupturas**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 25 (2), 390-399. 2012. Disponível em: www.scielo.br/prc. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 8ª ed. Editora: Vozes. Petrópolis – RJ. 2008.

SCHULTZ, P. D; SCHULTZ, E. S. **Teorias Psicanalíticas**. Tradução da 9ª edição norte-americana. 1ª Edição Cengage do Brasil. 2010.

SILVA, M. S. E. **Acolhimento Institucional**: A maioria e o desligamento. Natal – RN. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humana, Letras e Artes. 2010. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/17469/1/MarthaESS_DISSERT.pdf. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

WINNICOTT, W. D. **O Brincar e a Realidade**. 1ª Edição Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. 1975